

SUBÚRBIOS

Não há um jornal, semanário ou revista que se folheie hoje em dia, que não traga os irremediáveis anúncios às quintas disto e daquilo. Até se fazem suplementos dedicados aos famigerados condomínios nos arredores das nossas cidades.

Já aqui dissemos, noutra ocasião, que não se compreende muito bem (numa primeira abordagem ao tema) porque razão há tantas casas a “cair” no centro das cidades e tanta construção a fazer-se, nova, à volta delas. Então as pessoas já não gostam de viver nos centros das cidades? Talvez não!

Também já falamos, até mais de uma vez, nas graves consequências económicas, sociais e eu diria até civilizacionais, que esta forma de viver está já a gerar, principalmente nos países mais ricos e nos que estão em vias de o ser. E nestes então o fenómeno é verdadeiramente assustador; Basta ver o que se passa na China, na Índia, no México ou no Brasil – o contraste insuportável entre o miseravelmente pobre, que a tudo se sujeita e o novo-rico ostentando a sua riqueza de forma abominável, grosseira e exercendo o seu poder sem escrúpulos e sem qualquer consciência social.

Os tempos não são realmente muito fáceis e ficamos com a sensação de que desapareceu a capacidade da espécie humana se organizar civilizadamente, respeitando valores primordiais sem os quais, a prazo, mergulhará num caos vertiginoso – É para isto que caminhamos, “drogados” com as pornochachadas dos “footbóis”, da televisão, etc... (o circo dos nossos dias)?

Diz-se que do caos nasce a ordem, mas receio bem que essa ordem seja, ou venha a ser, ou esteja já a começar a impor-se com formas demasiado opressoras que também em nada contribuem para a nossa felicidade.

Mas voltando ao tema do início da conversa – o das “quintas”, dos condomínios dos subúrbios -, não pude deixar de fazer uma associação de ideias imediata entre estes ditos anúncios que agora nos matraqueiam nos jornais e nas revistas a ponto enjoativo e tudo aquilo que se falou agora há uns dias atrás, num encontro em que participei, na Universidade de Ferrara, em Itália, sobre a forma como construímos nas periferias das nossas cidades. E isto também porque, lá por fora (não sei se cá dentro já nos apercebemos bem do fenómeno) as pessoas começaram já a protestar. Veja-se o que aconteceu em Paris há uns meses atrás onde, pasmem-se, desordeiros ousaram atacar um dos bens maiores da nossa civilização actual – o automóvel! Há lá medo maior do que nos destruírem o nosso carrinho, que tanto nos custou a comprar e sem o qual ficamos incapazes de fazer seja o que for no tipo de “cidade” que entretanto criámos. Como é que nos deslocamos? Como é que vamos para o trabalho? Como é que compramos os bens essenciais e fazemos tudo o mais sem o nosso amado “pó-pó”?

Neste encontro profissional, houve depoimentos de diversas pessoas ligadas a universidades italianas e francesas sobre a matéria, revelando a preocupação que aqui se expressa mas apontando já soluções possíveis e expondo exemplos concretos – casos de sucesso em que, intervindo nas periferias das nossas cidades se conseguiu repor qualidade de vida, fazer cidade verdadeira, criar a oportunidade de se gerarem ou de renascerem comunidades, dotar os locais descaracterizados de uma identidade própria, com a qual os seus moradores se identifiquem e nela tenham orgulho, passando a ter uma razão para participar mais activamente na sua salvaguarda, na sua beneficiação, ao invés de ficarem em casa, alheados, a olhar para a televisão.

Uma das ideias curiosas neste encontro, foi a distinção entre dois tipos de subúrbios: o que se designou por “Slab-Urbia” e o que conhecemos por “Sub-Urbia”. E isto o que é? Nada mais que a distinção entre o subúrbio dos pobres e o da classe média e dos ricos. “Slab” significa laje, fatia, camada – é o subúrbio às camadas, dos edifícios de apartamentos, dos dormitórios em altura. O outro é herdeiro da cidade-jardim, é o dos dormitórios de vivendas, das ditas “quintas” e condomínios. Nuns e noutras ficamos privados de comunidade, de cidade, de civilização.

Alguns dos projectos apresentados eram realmente aliciantes, com soluções em que, partindo do existente e procurando aproveitá-lo tanto quanto possível, se acrescentavam lojas e serviços onde só existiam habitação e vice-versa; se faziam ruas onde antes existiam estradas; se procurava recuperar e recriar arquitectura de raiz tradicional, local, conferindo identidade própria aos sítios, se revitalizavam espaços públicos onde outrora existiam espaços vazios – locais abandonados e inseguros, criando novas centralidades. Animador.

Esta revista, honra lhe seja feita, tem feito alguma coisa pela promoção da casa, das nossas casas, muito mais no sentido que esta verdadeiramente deve ter, como parte de um sistema, de uma cultura, que evolui, se modifica, claro!, naturalmente!, felizmente!, mas que tem sabido manter o essencial dos seus valores civilizacionais. É também por essa razão que aqui tenho gostado de escrever e de mostrar parte do meu trabalho.

As casas que aqui tenho mostrado são quase todas no campo e só uma ou outra na cidade ou num destes dormitórios. Numas e noutras procurei fazer o possível por contribuir, por pouco que seja, para essa renovação, para esse Renascimento Urbano que, sinceramente, espero venhamos a ser capazes de realizar, integrando pobres e ricos, nacionais e estrangeiros, em verdadeiras comunidades.

José Baganha